

Culturas em Diálogo

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CRONICA

Magnífico Reitor Cancelario:

Palavras vãs de exaltação perdem-se nas qualidades dos Doutorandos e dos seus Apresentantes. Foram tão longe os seus contributos para a Ciência, feita da reformulação dinâmica dos saberes, tão elevada a exemplaridade com que conduziram e conduzem a formação de gerações sucessivas, como notável o seu desempenho na cadeia de um presente que recupera o passado para estimular o futuro. Por isso vos pedimos, Magnífico Reitor, a concessão da láurea Doutoral a Juan José Martin González e a Pedro Navascués Palacio.

DOCTORAMENTO SOLENE DE LUCIANO FERNANDES LOURENÇO, DELFIM FERREIRA LEÃO, JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA, MARIA MARTA DIAS TEIXEIRA DA COSTA ANACLETO, SAÚL ANTÓNIO GOMES COELHO DA SILVA, ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO REBELO E ANA PAULA DOS SANTOS DUARTE ARNAUT

No dia 12 de Julho de 2003 realizou-se, na Sala dos Capelos, a cerimónia de imposição de insígnias doutorais aos Senhores Luciano Fernandes Lourenço, licenciado em Geografia, Delfim Ferreira Leão, licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, José Carlos Seabra Pereira, licenciado em Filologia Românica, Maria Marta Dias Teixeira da Costa Anacleto, licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de Português-Francês, Saul António Gomes Coelho da Silva, licenciado em História, António Manuel Ribeiro Rebelo, licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas na variante de Estudos Clássicos e Portugueses, e Ana Paula dos Santos Duarte Arnaut, licenciada em Línguas e Literaturas Modernas na variante de Estudos Portugueses e Ingleses. Foram apresentantes, respectivamente, os Doutores Fernando Manuel da Silva Rebelo, Maria Helena da Rocha Pereira, Aníbal Pinto de Castro, Maria Regina Teixeira Anacleto, Maria Helena da Cruz Coelho, José Geraldes Freire e Carlos Alves dos Reis. O elogio dos doutorandos esteve a cargo do Doutor Sebastião Tavares de Pinho e o dos patronos da Doutora Cristina Maria Robalo Cordeiro. Procedeu à colação do grau o Magnífico Reitor, Doutor Fernando Seabra Santos.

Publicam-se a seguir a alocução que, em nome dos doutorandos, proferiu o Licenciado Luciano Lourenço e os discursos dos oradores.

ALOCUÇÃO DE LUCIANO LOURENÇO

Magnífico Reitor:

Cumprindo um ritual antigo, neste espaço onde as palavras, como disse Eugênio de Andrade, parecem vir secretas e cheias de memória, sete professores da Faculdade de Letras vêm solicitar que lhes sejam impostas as insígnias doutorais.

Apesar de ser reconhecido como o símbolo da totalidade, o número sete representa também o dinamismo total, a abrangência de saberes que, num movimento constante, se completam, ora interseccionando-se numa uniformidade criadora, ora empecendo-se numa diversidade todavia dialogante. Entendida, ainda, como chave do Apocalipse, ou, segundo Dante, como número dos Céus, a simbologia do sete presentifica, por conseguinte, neste contexto, a pluralidade das áreas de saber que envolve os domínios de pesquisa da Geografia, da História ou das Línguas e Literaturas Clássicas e Modernas.

Reportando-se a universos concretos, reais, ou criando mundos possíveis, mas nem por isso menos verdadeiros, qualquer uma dessas áreas, na sequência de preocupações ancestrais, equaciona explicações ônticas e ontológicas para definir o lugar do Homem no Tempo-Espaço do Mundo em que hoje vivemos.

Nas representações do Outro e de si próprio que cada saber desenvolve é possível, pois, delimitar objectivos comuns, embora matizados numa paleta multiforme de processos de representação da realidade física, humana, histórica e literária. Assim, o que permanece da construção intrínseca do conhecimento que vai sendo matizado na escrita do Mundo tecida ao longo do percurso académico de cada um, encontra eco nas realidades descritas por todos aqueles que reflectiram, literal ou metaforicamente, sobre a Vida e as suas representações. O que parece acontecer, então, na teia de relações que unifica estes diferentes campos das Humanidades é o desdobramento, a um nível científico e académico, de um fragmento-alegoria de Herberto Helder, retirado de *Retrato em Movimento*, obra onde se descreve a relação privilegiada entre o criador e o objecto.

Permitimo-nos, portanto, citar a alegoria, re-citar o texto poético, como se de um arquétipo se tratasse e no qual nos revemos:

“Era uma vez um pintor que tinha um aquário e, dentro do aquário, um peixe encarnado. Vivia o peixe tranquilamente acompanhado

CRONICA

pela sua cor encarnada, quando a certa altura começou a tornar-se negro a partir - digamos - de dentro. Era um nó negro por detrás da cor vermelha e que, insidioso, se desenvolvia para fora, alastrando-se e tornando conta de todo o peixe. Por fora do aquário, o pintor assistia surpreso à chegada do novo peixe.

O problema do artista era este: obrigado a interromper o quadro que pintava e onde estava a aparecer o vermelho do seu peixe, não sabia agora o que fazer da cor preta que o peixe lhe ensinava. Assim, os elementos do problema constituíam-se na própria observação dos factos e punham-se por uma ordem, a saber: 1º - peixe, cor vermelha, pintor, em que a cor vermelha era o nexos estabelecido entre o peixe e o quadro, através do pintor; 2º - peixe, cor preta, pintor, em que a cor preta formava a insídia do real e abria um abismo na primitiva fidelidade do pintor.

Ao meditar acerca das razões por que o peixe mudara de cor precisamente na hora em que o pintor assentava na sua fidelidade, ele pensou que, lá dentro do aquário, o peixe, realizando o seu número de prestidigitação, pretendia fazer notar que existia apenas uma lei que abrange tanto o mundo das coisas como o da imaginação. Essa lei seria a metamorfose. Compreendida a nova espécie de fidelidade, o artista pintou na sua tela um peixe amarelo.”

Serve esta apropriação simbólica das palavras do poeta para reafirmar e sublinhar que, pondo em prática números diversos de prestidigitação, as disciplinas aqui representadas são metamorfoses de uma mesma e única realidade: o Mundo e o modo como o Homem nele se movimenta. No espaço académico como no espaço da vida ou da imaginação, cumpre a cada uma das áreas dilucidar as várias etapas de observação dos factos para, tal como o pintor, atingir a síntese do conhecimento, aceitando, para tanto, a relativização da fidelidade.

Conscientes de que o saber construído não se circunscreve ao labor científico, mas deve abrir-se à Comunidade e acolher, por isso, os ritos que ligam a Universidade ao Outro, revemo-nos neste espaço paradoxalmente fechado e aberto à Vida, nos Mestres que nos ensinaram a arte de olhar, vendo, os objectos, como o pintor de Herberto Helder, nos Padrinhos com quem, desde sempre, partilhámos laços científicos e afectivos.

Esperamos, portanto, valorizar este momento ritualístico, pedindo, ante vós, Magnífico Reitor, que nos seja feita a imposição das honrosas insígnias doutorais, signos de uma tradição assumida num Tempo dentro do Tempo que é o nosso.

DISCURSO DO DOUTOR SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

Magnífico Reitor-Cancelário,
Excelentíssima Senhora Presidente do Conselho Directivo da
Faculdade de Letras,
Sapientíssimos Doutores,
Sapientíssimos e Digníssimos Doutores Apresentantes,
Ilustríssimos Doutorandos,
Ilustres Assistentes, Leitores e Investigadores,
Caríssimos Estudantes,
Senhores Funcionários,
Excelentíssimas Autoridades,
Minhas Senhoras, Meus Senhores.

Nesta cerimónia festiva a que fomos, mais uma vez, convocados a capelo, cabe-me a grata e nobre tarefa de fazer o elogio dos candidatos a este doutoramento solene. Grata, mas também difícil tarefa esta de reunir os louvores de nada menos que sete doutorandos, numa oração que deveria ser breve, como convém a uma liturgia, já, por natureza, necessariamente pausada e extensa. Talvez extensa demais, como em tempos confidenciava, a um dos nossos reitores eméritos, um ilustríssimo doutor *honoris causa* acolhido neste Claustro, que, recordando os muitos títulos de doutor que recebera por motivo da mesma honra em diversas universidades nacionais e estrangeiras, dizia que a cerimónia de Coimbra é, sem dúvida, de todas a mais bela, mas também a mais longa.

Procurando não defraudar a justa expectativa sobretudo dos doutorandos, tentarei o equilíbrio entre a exaltação objectiva e a brevidade, que, na actual circunstância, é mais difícil do que fazer passar um calibre pelo fundo de uma agulha. Em boa verdade, sinto-me de alguma forma na pele do rico da imagem bíblica; e não tenho a certeza de me salvar, nesta espinhosa, ainda que muito grata, missão.

Assim, permitam-me confessar, desde já, que, sendo agora a primeira vez que, nesta Sala Grande dos Actos e de um modo formal, teremos ensejo de conhecer os currículos académicos dos ilustres candidatos, e por imperativos da mesma brevidade, irei cingir-me à evocação concisa, mas objectiva e concreta, da sua obra científica, da capacidade de investigação e da actividade pedagógica e administrativa, ao serviço da Escola a que pertencem. Peço-lhes, pois, o especial favor da

CRÔNICA

vossa muita paciência e de tentarem iludir, por alguns momentos, a voragem da máquina do tempo.

Encontramo-nos nesta *Aula Actuum Magna* para reconhecer e consagrar, mediante a imposição das insígnias doutorais e a chancela pública e solene do Magnífico Reitor, o mérito académico dos doutorandos Luciano Fernandes Lourenço, Delfim Ferreira Leão, José Carlos Seabra Pereira, Maria Marta Dias Teixeira da Costa Anacleto, Saul António Gomes Coelho da Silva, António Manuel Ribeiro Rebelo e Ana Paula dos Santos Duarte Arnaut, que têm como apresentantes, respectivamente, os Professores Doutores Fernando Rebelo, Maria Helena da Rocha Pereira, Aníbal Pinto de Castro, Maria Regina Anacleto, Maria Helena da Cruz Coelho, José Geraldes Freire e Carlos Reis, cujo elogio teremos o prazer de ouvir pela voz da nossa colega Professora Doutora Cristina Maria Robalo Cordeiro.

São sete o candidatos deste doutoramento solene, um número mágico e sagrado que, afinal, quadra bem com a dispersão de sinais e simbologia que percorre e reveste grande parte da estrutura física e da vida da nossa Universidade e, muito em particular, o espaço desta Aula Magna.

São símbolos da história pátria, nesta sala, os quadros que preenchem estas paredes; são símbolos as figurações que ornamentam o tecto, com evocações estilizadas do tempo colonial; as vestes talares académicas de origem eclesiástica medieval desta, como de tantas outras universidades europeias; as cores representativas das várias faculdades; todo o ritual desta cerimónia, incluindo o uso hierático da língua latina no momento fulcral da concessão do grau de doutor, e as próprias insígnias académicas; como simbólicos são também os *Insignia Vniuersitatis Conimbrigensis*, que constituem o antiquíssimo Selo Grande aposto a tudo quanto é documento e objecto oficial da Universidade de Coimbra, que nós vemos impressos por a toda a parte e que diariamente calcamos com nossos pés no pavimento preliminar da Porta Férrea. Estes *insignia* encerram o complexo simbólico das fontes greco-latino-judaico-cristãs da civilização ocidental, representadas na coruja, que penetra na escuridão da noite e é, por isso, atributo da deusa grega das ciências, Atena, que tem a sua correspondente na latina Minerva, e na primitiva alegoria da Sapiência, tradicionalmente acompanhada pelo versículo bíblico dos Provérbios de Salomão: “*Per me reges regnant et legum conditores iusta decernunt*” quer dizer, “É por mim que os reis governam et que os legisladores decretam a justiça”.

CRONICA

Estes símbolos levam-me a recordar a mais provável raiz e o sentido original do vocábulo “insígnias”, pleno de um especial significado, que peço vénia para evocar aqui, por me parecer ajustar-se à presente circunstância. *Signum*, da forma arcaica *secnom* > *segnom*, radica no verbo *secare* (cortar, golpear), presente, por exemplo, em “secante” (linhas “secantes”), em “intersectar”, “secção”, “seco” (um ramo seco é, afinal, um ramo cortado) e em “segar” (v.g. segar erva). *Signum* é, pois, um corte, um golpe, um lenho, como fazem os namorados quando gravam no tronco de uma árvore a imagem dos seus corações, atravessados por uma seta de Cupido, e aí deixam crescer o sinal da sua paixão; ou como faziam os pastores romanos, ao marcar o gado a ferro ao rubro, ou os actuais ganadeiros nos touros e cavalos da tauromaquia; ou como outrora os senhores, quando mandavam ferrar na pele dos escravos o sinal da sua posse. *Signum* é um *signale*, um sinal, uma marca, um distintivo. “Insigne” é aquele ou aquilo que se distingue por um sinal no meio de outros. “Insígnias” são, pois, a marca, para o bem ou para o mal, de um, ou de um grupo, que se pretende assinalado.

Prouvera que as insígnias académicas, dos professores ou da Escola, fossem sempre o testemunho e a marca de qualidade de uma instituição de exigência e rigor, como deve ser a Universidade.

Resta-nos verificar como estes sete doutorandos de hoje são realmente insígnias, e merecem as insígnias doutorais que, nesta cerimónia, lhes serão solenemente impostas.

Luciano Fernandes Lourenço

Luciano Fernandes Lourenço nasceu numa região banhada pelo rio Alva e dominada pelas serras de xisto do centro do País. “As paisagens em que viveu a sua infância” e “o rio da sua meninice e da sua paixão” foram, como ele mesmo confessa, “o pano de fundo” que haveria de determinar não apenas a sua vocação de mestre e investigador geógrafo, mas também toda a sua actividade académica e de extensão universitária, e até a maior parte do muito que até hoje escreveu.

Com efeito, Luciano Lourenço optou pelo curso de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em que se licenciou em 1979; o seu primeiro artigo, publicado em 1984, foi sobre “As cheias do rio Alva”; o seu primeiro estudo de maior dimensão, saído em 1989 versou também sobre *O Rio Alva. Hidrogeologia, Geomorfologia, Climatologia e Hidrologia*; e, mais tarde, a sua dissertação de

doutoramento tratará de aspectos geomorfológicos e geo-ecológicos das serras da sua naturalidade, sob o título *As Serras de Xisto do Centro de Portugal*.

Pertence ao corpo docente do Instituto de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras desde 1979, onde tem leccionado várias cadeiras da licenciatura em Geografia, e nos cursos de mestrado, bem como em outras Faculdades da mesma Universidade de Coimbra e nas Universidades do Porto e de Lisboa; e, ainda, na formação contínua de professores e de quadros de organismos públicos e privados, designadamente de Vigias de Fogos Florestais, de Guardas Florestais, de Técnicos de Animação da Natureza, de Vigilantes da Natureza, de Bombeiros, da Guarda Nacional Republicana e do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

A sua especial qualificação universitária na área da Geografia Física justifica as várias funções de gestão que tem assumido, nomeadamente no Núcleo de Investigação Científica de Incêndios Florestais, de que é director desde a sua fundação em 1992, e no qual tem coordenado quinze projectos de âmbito nacional e europeu, e um intercontinental, e bem assim no PROSEPE - Projecto de Sensibilização da População Escolar para a preservação da floresta e prevenção de incêndios florestais, de que é Coordenador Nacional desde a sua criação em 1993.

Este projecto, de índole essencialmente pedagógica, está materializado numa rede de 570 Clubes de Floresta, pertencentes a escolas básicas e secundárias, do ensino especial e do técnico-profissional, distribuídas pelos 18 distritos do Continente e Regiões Autónomas, e por eles já passaram mais de 100.000 alunos e 10.000 professores. Destes, mais de 5.000 receberam formação específica para o efeito.

No âmbito destas mesmas actividades, Luciano Lourenço exerceu entre 1997 e 2001, cumulativamente com a docência universitária, a presidência da Direcção da Escola Nacional de Bombeiros, onde desenvolveu um vasto programa de formação dos soldados da paz, com a definição dos perfis funcionais das suas diversas categorias, dos currículos e disciplinas e dos próprios manuais de formação. Entre estes, destaca-se o *Manual de Formação Inicial do Bombeiro*, constituído por XX volumes temáticos, que passou a ser o instrumento essencial para uniformizar toda a formação de base, e do qual estão a beneficiar 500 corpos de bombeiros, no conhecimento mínimo de matérias essenciais à prestação de socorro com segurança e qualidade. Sob a sua presidência na mesma Escola Nacional, foi lançado, ainda, outro projecto destinado a desenvolver o necessário nível cultural e a elevar as habilitações dos bombeiros, com a criação de dois centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de

CRONICA

Competências - um em 2000, na própria sede da Escola em Sintra, e outro em 2001 na Lousã.

Ocupa neste momento as funções de presidente do Conselho Geral da mesma Escola, por nomeação do Ministério da Administração Interna.

Participou na organização de mais de meia centena de encontros científicos e pedagógicos, coordenou a publicação de cerca de trinta publicações não periódicas, dirigiu a *ENB-Revista Técnica e Formativa*, do nº 1 ao 20; e dirige a *Folha Viva, Jornal dos Clubes da Floresta, do Projecto Prosepe - Floresta Viva*, com 18 números saídos a lume.

Publicou mais de centena e meia de trabalhos de investigação e de divulgação científico-pedagógica sobre Geografia Física de Portugal, nos quais manifesta, desde cedo, o seu especial pendor para a pesquisa da evolução actual das zonas serranas, como se vê na sua referida tese de doutoramento. Essa preferência orológica levou-o a desenvolver, de maneira sistemática e profunda, a análise do factor que hoje mais contribui para essa evolução - os incêndios florestais -, a ponto de a estender e aplicar ao estudo dos Riscos e Catástrofes Naturais, no domínio da prevenção, do socorro e da mitigação dos efeitos.

O currículo pedagógico e científico de Luciano Lourenço é um excelente exemplo da ligação da Universidade à comunidade, numa área de aplicação dos saberes que contribui, de modo decisivo, para a preservação da natureza e a segurança e bem estar das populações. A extrema dedicação e a alta competência académica deste doutorando desenham um notável perfil de universitário, inteiramente devotado ao seu trabalho específico e à sua Faculdade, de cujo Conselho Directivo é actual Vice-Presidente.

Delfim Ferreira Leão

Delfim Ferreira Leão, de origem portuense, em cuja região recebeu a sua formação primária e secundária, frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde alcançou, com alta classificação, o grau de licenciado no curso de Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa. Iniciou a sua carreira universitária na mesma Faculdade em 1993, nela obteve o grau de mestre em Literatura Latina em 1995 e o de doutor em História da Cultura Clássica em 2000.

A sua actividade pedagógica tem-se desdobrado pelas áreas da Cultura e da História da Antiguidade Clássicas, da Literatura Grega, da Língua Latina e de certos Aspectos Materiais do Teatro greco-latino. No

CRONICA

campo da investigação científica, tem privilegiado o estudo da comédia grega, da historiografia em Heródoto, da teorização ética e política, designadamente em Sólon e Aristóteles, da história das ideias em Plutarco, e do romance e da poesia epigramática dentro da literatura latina.

Deste trabalho, coerente e sistemático, resultaram cerca de seis dezenas de publicações sob a forma de artigos, recensões e notícias críticas, saídos em revistas da especialidade, e uma dúzia de livros, de sua exclusiva autoria ou em colaboração, uns de investigação fundamental, outros de tradução a partir do grego ou do latim, com introdução, comentário e notas.

Entre esses livros, destacam-se, em primeiro lugar, *As ironias da Fortuna. Sátira e Moralidade no "Satyricon" de Petrónio* (1998), precioso trabalho de análise ideológica e literária acerca de um dos primeiros e maiores romances latinos e de toda a literatura ocidental, cuja "aparente libertinagem", segundo palavras do seu maior especialista português, Walter de Medeiros, "afugentara a sisudez de filólogos e ensaístas puritanos" durante cerca de dezoito séculos, e que em Portugal permanecera, até aos nossos dias, como um intocável tabu, mas que agora encontrou em Delfim Leão um estudo sólido que, segundo juízo daquele mesmo professor, examina "com o espírito desafrontado do nosso tempo, alguns temas essenciais para a compreensão desta obra grande e maltratada".

Especial atenção tem merecido, a Delfim Ferreira Leão, o estudo sobre questões do direito grego, um tema que acabou por constituir a base da sua dissertação apresentada a provas de doutoramento, com o título *Sólon. Ética e política*, e publicada em 2001. A mesma matéria veio a servir de objecto do seu Relatório destinado a concurso para professor associado do Grupo de Estudos Clássicos, em que apresentou o programa de um seminário sobre Direito Ático, que, segundo esclarece o autor, constituiu uma novidade sem nenhum antecedente imediato e directo nas matérias tradicionalmente oferecidas pelo mesmo Grupo, e que é um bom exemplo das louváveis preocupações de estabelecer laços interdisciplinares entre os vários saberes das Faculdades da nossa Universidade.

Entre as obras de tradução anotada de Delfim Ferreira Leão avultam: uma, em 1999, das vidas paralelas de *Plutarco. Vida de Sólon*, o poeta-legislador de que longamente se ocupa o candidato em outro trabalho; a colaboração num projecto de tradução da historiografia de *Heródoto. Livro 6º das Histórias* (2000); do poeta satírico latino *Marcial*.

Epigramas, vols. I-III (2000-2001); e de um dos mais antigos constitucionalistas de sempre, *Aristóteles. Constituição de Atenas* (2003).

Quem nunca se dedicou ao trabalho diuturno e paciente, mas gratíssimo e intelectualmente compensador, de traduzir - de traduzir para publicar, entenda-se - pode não avaliar o que implica de investigação, de cultura e mesmo de criatividade essa tarefa de transferir, para uma língua de recepção, um texto, sobretudo um texto literário, sem nada omitir do conteúdo e forma que ele apresenta na sua língua de origem.

Delfim Leão mostra, em tudo quanto tem traduzido, não apenas um seguro domínio das línguas clássicas grega e latina e um profundo e amplo conhecimento do idioma pátrio, mas também uma requintada sensibilidade estética, qualidades que este tipo de traduções quase sempre exige. De resto, essa sensibilidade do tradutor Delfim Leão tem-se afirmado na própria produção poética de que, como autor, tem dado provas, desde cedo, com a publicação de três livros de poesia: *Sé Velha. Pedras vivas* (1994); *Prometeu* (1999) e *O grau feminino da poesia* (2001).

No âmbito da extensão cultural e universitária, tem dedicado parte do seu trabalho ao teatro de tema clássico, ajudando a fundar o grupo teatral Thíasos, que dirigiu e em que tem colaborado como encenador e actor, numa ampla produção vista por cerca de 20.000 espectadores em Portugal, Espanha, França e Itália.

Em termos administrativos, colaborou na gestão de vários organismos académicos, entre os quais se encontram as direcções do Coral de Letras (CLUC), da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos (APEC), dos Institutos de Estudos Clássicos e de Estudos Teatrais, do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e, em particular, a presidência do Conselho Pedagógico da FLUC e a coordenação do Curso de Pós-graduação em Teatro Clássico e sua Recepção.

As suas qualidades científicas, pedagógicas, culturais e humanas e de dedicação à sua Escola apontam-no como um académico exemplar.

José Carlos Seabra Pereira

José Carlos Seabra Pereira é natural do Luso, e concluiu em Coimbra a sua preparação liceal, tendo recebido o prémio D. Dinis como o melhor aluno masculino desta cidade. Licenciou-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras em 1973 e, ainda como estudante,

CRONICA

frequentou a Aliance Française em Grenoble, estudou italiano em Perugia e espanhol em Cádiz.

Docente da Faculdade de Letras desde 1973, foi leitor de Português e professor de Cultura Portuguesa na Universidade de Poitiers de 1975 a 1978, onde preparou o “Doctorat du 3ème Cycle”, que obteve mais tarde com a dissertação *L’oeuvre poétique et l’action littéraire de João de Barros* e prosseguiu depois, como bolseiro, os seus trabalhos de investigação na Universidade e nas bibliotecas de Paris.

Regressado à Faculdade de Letras de Coimbra em 1982, aqui tem exercido, bem como na Faculdade de Letras da Universidade Católica, em Viseu, a docência nas áreas da Teoria da Literatura e da Literatura Portuguesa Clássica, Moderna e Contemporânea, e veio a prestar provas de doutoramento nesta Sala Grande, em 2000, com uma nova tese sobre *Neo-Romantismo na Poesia Portuguesa*.

Tem colaborado em trabalhos de extensão universitária com regência de seminários, e com ciclos de lições e conferências, nas universidades de Paris (Sorbonne), Rennes e Bordéus, de Gottingen, Hamburgo, Friburgo, Kiel e Marburg, de Bérghamo e Praga, de Santa Bárbara (Califórnia), de Madrid (Complutense), do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Aiegre e outras, e bem assim com muitas dezenas de palestras em várias instituições culturais e escolas regionais do País; e tem participado em numerosos congressos e reuniões científicas, nacionais e estrangeiros.

É Director do Instituto de Língua e Literatura Portuguesas e Presidente da Comissão Científica do Grupo de Estudos Românicos na sua Faculdade; tem integrado júris de Grandes Prémios literários instituídos pela Associação Portuguesa de Escritores, como o do Romance e da Novela, o da Poesia, o do Conto e o de Ensaio. Foi vogal da Comissão para o Estudo da Condição do Professor em Portugal, do Conselho de Acompanhamento da Reforma Curricular, e da Sétima Comissão de Avaliação do Ensino Superior Privado. É Presidente do CADC e do Conselho Coordenador do Programa “A Rota dos Escritores do Século XX”, e membro do Conselho Cultural de Coimbra Capital Nacional da Cultura - 2003.

No campo da investigação científica e respectiva produção literária, José Carlos Seabra Pereira apresenta um vasto elenco de cerca de 300 títulos, entre estudos monográficos (nove volumes de sua autoria que somam perto de 4.000 páginas); edições de uma dezena de autores (obras completas de Gomes Leal, Raul Brandão, Alberto d’Oliveira, Manuel Laranjeira e outros), num total 18 volumes com fixação do texto,

introdução, ou prefácio, e notas; três livros traduzidos de autores franceses sobre teoria poética e romanesca; e cerca de 120 artigos e ensaios críticos publicados em revistas especializadas e no jornalismo cultural e dedicados à pragmática da literatura e estilos epocais, e a uma meia centena de autores, em que sobressaem Camões e Antero de Quental, Cesário Verde e Camilo Pessanha, António Nobre e Manuel da Silva Gaio, Eugênio de Castro e António Patrício, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, Florbela Espanca e João de Barros, Raul Brandão e Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão e Júlio Brandão, Mário Viana e David Mourão-Ferreira, Vergílio Ferreira e José-Augusto Seabra.

Acresce ainda a publicação de uma dezena e meia de resenhas críticas, e uma frequente colaboração em Dicionários e Enciclopédias especializados, com mais de 120 entradas, na área das Literaturas Portuguesa e Francesa, da Teoria Literária e da Literatura Comparada.

Seabra Pereira ocupa-se sobretudo da época de transição entre os séculos XIX e XX, concentrando-se na literatura portuguesa finissecular, neo-romântica e modernista, áreas que, desde cedo, privilegiou na sua investigação e em que se tornou um especialista reconhecido em Portugal e no estrangeiro, e a quem se deve um contributo decisivo para a dignificação de categorias periodológicas, como Decadentismo e Simbolismo, e mesmo a criação, a nível nacional e internacional, do conceito de Neo-Romantismo.

Entre as suas obras mais representativas desse labor crítico de redefinição e recanonização, destacamos a tese de licenciatura sobre *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, publicada em 1975, que logo mereceu o apreço de críticos como Jorge de Sena, que a classifica de “excelente estudo para o que respeita às bases ‘simbolistas’ de quanto se seguiu”, e de Óscar Lopes, que a considera “obra fundamental” para a conceptualização do Decadentismo e do Simbolismo. Salientamos igualmente *Do fim-de-século ao tempo de Orfeu* (Coimbra, 1979); *Autour de la thématique politique et de l’engagement dans la Littérature Portugaise* (Paris, 1982); *Do Fim-de-século ao Modernismo* (Vol. VII de *História Crítica da Literatura Portuguesa*, Lisboa, 1995); *António Nobre - Projecto e Destino* (Porto, 2000); *O Essencial sobre António Nobre* (Lisboa, 2001); e, ainda, a referida tese de doutoramento, em dois volumes, sobre o *Neo-Romantismo na Poesia Portuguesa (1900-1925)*, que se encontra no prelo.

José Carlos Seabra Pereira é um exemplo de competência, de rigor e de trabalho, tanto na actividade científica como pedagógica, que faz dele um especialista de incontornável referência nacional e interna-

CRÔNICA

cional, e um dos professores cujo mérito mais contribuiu para o prestígio da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Maria Marta Dias Teixeira da Costa Anacleto

Maria Marta Dias Teixeira da Costa Anacleto é conimbricense de nascimento, cursou Línguas e Literaturas Modernas e licenciou-se na variante de Português-Francês da Faculdade de Letras desta Universidade em 1984 com uma das mais altas classificações. Alcançou o grau de mestre em 1991 com a dissertação *Leituras de "Los Siete Libros de la Diana" em França: Texto / Recepção do Texto - as Traduções de Nicolas Colin (1578) e de S.-G. Pavillon (1603)* e prestou provas de doutoramento em 2000, com uma tese sobre *Escrita e Reescrita do Texto Ficcional Bucólico. A Recepção do Romance Pastoral Ibérico em França (Séculos XVI-XVIII)*.

Entrou ao serviço da Faculdade de Letras em 1986 e aí tem leccionado, nos cursos de graduação, na pós-graduação/especialização e no mestrado, várias disciplinas como Literatura Francesa I e II (séculos XIX-XX e XVII-XVIII, respectivamente); Francês II e III (Cultura - séculos XIX-XX e XVII-XVIII, respectivamente); Problemas de Interpretação (licenciatura em Estudos Artísticos); Tradução Francês-Português, Análise Textual e Estilística do Francês; e Teoria da Literatura Comparada (mestrados de Literatura Francesa e Literaturas Africanas e da Diáspora).

Ao abrigo dos convénios sobre mobilidade de professores previstos pelo Programa “SOCRATES”, prestou colaboração docente na Universidade Paul Valéry (Montpellier III) em 1998 com um módulo lectivo sobre “O Romance pastoril em Portugal e em França no século XVII (do apogeu à crise do género)”, e em 2001 sobre o tema “A oratória barroca portuguesa: a arquitectura retórica dos sermões de Vieira e a arte sacra portuguesa e brasileira da época”.

Foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris. Presidiu às comissões organizadoras do Colóquio “Ilusão e Referencialidade no Teatro Francês” em 2002, e das Ville Journées Pédagogiques pour l’Enseignement du Français Langue Étrangère (dictionnaires, grammaires, manuels), em Fevereiro deste ano de 2003. É membro/investigadora do “Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira” da Universidade Católica Portuguesa, integrada nos projectos “História Literária e Traduções: Representações do Outro na Cultura Portuguesa”, e dedicada à “Tradução do teatro clássico francês na literatura portuguesa dos

séculos XVIII e XIX”. É sócia da SATOR (Société d’Analyse de la Topique Romanesque avant 1800” e membro do seu Conselho de Administração, eleita em segundo mandato em 1999, bem como das duas associações, Portuguesa e Internacional, de Literatura Comparada, e, ainda, do GUELF (Grupo Universitário de Estudos em Literatura Francesa).

Participou em cerca de uma vintena de colóquios e congressos internacionais, a maior parte no estrangeiro [Canadá - Universidade de Winnipeg (duas vezes), Paris (duas vezes), Montpellier (três vezes), Lovaina/Antuérpia (duas vezes), Estados Unidos (Universidade de Wisconsin), Flolanda (Universidade de Amsterdão-Leyde), além de Coimbra, Lisboa e Porto, sempre com apresentação de comunicações.

Além dos trabalhos aí apresentados, Marta Teixeira Anacleto publicou, ainda, estudos em livros e revistas científicas, como “*Le Dernier Jour d’un Condamné* de Victor Flugo: l’obsession du moi et l’obsession de l’écriture”, Coimbra, 1988; “Entre ruptura e continuidade: a prosa de Francisco Rodrigues Lobo” em *História da Literatura Portuguesa - A Época Barroca e o Século das Luzes*, vol. III, Lisboa, 2002; “Modalités de la ‘(re)description’ ironique dans *Le Berger Extravagant* de Charles Sorel”, em *P arabas is 2 - L’ironie spéculaire dans les lettres françaises*, Edmonton-Alberta (Canadá), 1995; e “La violence dans la ‘bergerie’: sens et/ou contre-sens d’un ‘scénario’ étrange”, em *Violence et fiction jusqu’à la Révolution*, Tübingen, 1998; bem como o livro que constituiu a sua tese de Mestrado.

Em toda a sua produção literária, Marta Teixeira Anacleto privilegia o estudo do romance francês, com referência particular ao romance pastoril e a outras formas romanescas do século XVII, matizadas em publicações sobre Charles Sorel, Cyrano de Bergerac, Furetière. Dedicou grande parte da sua investigação ao teatro francês do século XVII, salientando-se, nessa área, nomes como Corneille, Molière, Racine, Rotrou, Racan, domínio em que se tornou uma notável especialista, com manifesto e justo reconhecimento internacional.

Exerce actualmente as funções de Directora do Instituto de Estudos Franceses da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Saul António Gomes Coelho da Silva

Nascido em Leiria, Saul António Gomes Coelho da Silva adquiriu aí a sua formação pré-universitária, tendo vindo a frequentar a Faculdade de Ciências Sociais e Flumanas da Universidade Nova de Lisboa a partir de 1981, onde se licenciou em História, em 1985, com alta

classificação. Na mesma Universidade obteve o grau de mestre em História Medieval, com a defesa da tese *O Mosteiro de Santa Maria da Vitória no Século XV*.

Começou a sua actividade docente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra a partir de 1987, e nela tem ministrado várias cadeiras da área em *que se tem especializado, como a Paleografia, a Diplomática, a Codicologia e a Sigilografia, e temas de carácter histórico-cultural, designadamente Chancelarias Medievais e Culturas Monásticas.

O campo temático da sua investigação abrange as áreas da história religiosa em geral e da monástica em particular, da época não apenas medieva mas também moderna, da história da arte medieval e da história das minorias judaica e mourisca em Portugal, bem como dos domínios técnicos do seu referido magistério. Tem dedicado particular atenção à história local e regional, em que avulta o estudo de fontes documentais de Santa Cruz de Coimbra, guardadas na Torre do Tombo, e das visitas a mosteiros cistercienses portugueses dos séculos XV e XVI, bem como a edição diplomática das fontes históricas e artísticas do Mosteiro e da Vila da Batalha (séculos XIV-XVII). Neste e em muitos outros trabalhos, Saul António Gomes prioriza a região de Leiria, onde nasceu e “onde tanta Pátria há”, como a celebram os versos de Afonso Lopes Vieira, que o doutorando, com justo orgulho, costuma recordar.

A sua produção científica já acabada conta, entre livros e artigos publicados em revistas e miscelâneas especializadas, mais de cem títulos, além de mais de outra centena de artigos de carácter científico-histórico saídos em vários periódicos do jornalismo cultural da região leiriense. De entre os livros, destacamos:

Porto de Mós Medieval (Breves subsídios documentais para o seu conhecimento), 1985 (87 pp.); *Documentos Medievais de Santa Cruz de Coimbra. I - Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, 1988 (200 pp.); *O Mosteiro de Santa Maria da Vitória no Século XV*, 1990 (688 pp.); *Organização Paroquial e Jurisdição Eclesiástica do Priorado de Leiria nos Séculos XII a XV*, 1992 (158 pp.); *As Cidades Têm Uma História: Caídas da Rainha das Origens ao Século XVIII*, 1994 (154 pp.); *O Convento de São Francisco de Leiria na Idade Média*, 1994 (104 pp.); *Introdução à História do Castelo de Leiria*, 1995 (338 pp.); *Vésperas Batalhinhas - Estudos de História e Arte*, 1997 (318 pp.); *Intimidade e Encanto. O Mosteiro Cisterciense de Stª Maria de Cós (Alcobaça)*, 1998 (575 pp., de colaboração com Cristina Maria André de Pina e Sousa) (Prémio Gulbenkian de Ciência - 1999); *Visitações a Mosteiros*

Cistercienses em Portugal. Séculos XV e XVI, 1998 (485 pp.); *Fontes Históricas e Artísticas do Mosteiro e da Vila da Batalha (Séculos XIV a XVII)*, Vol. I (1388-1450), e Vol. II (1451-1500), 2002 (total de 957 pp.), (os vols. III e IV encontram-se no prelo); *O Livro do Compromisso da Confraria e Hospital de Santa Maria da Vitória da Batalha (1427-1544)*, 2002 (438 pp.). E, finalmente, o livro que apresentou como dissertação nas provas de doutoramento realizadas nesta Sala Grande em 2000, na especialidade de História Medieval, com o título *In Limine Conscriptio. Documentos, Chancelaria e Cultura no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (Séculos XII a XIV)*, trabalho interdisciplinar de grande fôlego que analisa, sob o ponto de vista diplomático, paleográfico, codicológico, sigilográfico e cultural, uma vultuosa massa de documentos pertencentes àquele centro monástico, escolar e de cultura, e que representa o *opus magnum* (com cerca de 1.800 páginas) de Saul António Gomes.

A sua excepcional quantidade e qualidade de produção científica e a sua espantosa capacidade de trabalho dão pleno testemunho das suas altas qualidades de grande historiador e investigador medievalista, já consagrado, de cuja juventude podemos assim, garantidamente, esperar ainda muito mais.

António Manuel Ribeiro Rebelo

António Manuel Ribeiro Rebelo é natural de Lisboa, onde recebeu a sua formação primária e parte da liceal, no Ciclo Preparatório e no 1º ano do Ciclo dos Liceus.

Por motivos familiares passou a viver em Haia, na Holanda, em cujas escolas fez a maior parte da sua formação ginásial, adquirindo aí, durante sete anos, uma excelente preparação humanística, particularmente no campo das línguas neerlandesa, inglesa, alemã, francesa, grega e latina. Regressado a Portugal, frequentou o curso de Humanidades do Centro de Viseu da Universidade Católica Portuguesa, e completou na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra a licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas na variante de Estudos Clássicos e Portugueses, com alta classificação, em 1987, ano em que passou a fazer parte do corpo docente da mesma Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Beneficiou de uma bolsa de estudos de curta duração do INIC, em Roma, para a preparação da sua tese de Mestrado em Literatura Grega

CRONICA

sobre *Mito e Culto de Ifigenia Táurica*, que defendeu em 1993. Obteve bolsas de estudo da Confederação Helvética e da Fundação Calouste Gulbenkian que lhe permitiram frequentar em Zurique e em Friburgo (na Brisgóvia), durante três anos, cerca de uma dezena de cursos e seminários com vista à preparação do doutoramento sobre Literatura Latina Medieval, cujas provas realizou nesta Sala Grande em 2001 com a apresentação da tese *Martyrium et Gesta Infantis Domini Fernandi*, acerca de uma antiga biografia latina do Infante D. Fernando - o Infante Santo -, contida no *códice n.º 3634 do Fundo Latino* da Biblioteca Apostólica Vaticana.

António Rebelo fez um longo exame do manuscrito, elaborou uma rigorosa edição crítica do texto, acompanhada de uma concordância de extrema utilidade; procedeu à sua tradução portuguesa e a um estudo filológico de exaustiva análise linguística e estilístico-literária, e em todo este trabalho de minúcia e rigor, demonstra a sua excelente preparação académica e grande capacidade de investigação.

A sua actividade científica está registada, também, em mais de meia centena de outros trabalhos (artigos e resenhas críticas) publicados em actas de congressos e em revistas científicas especializadas.

Participou em cerca de cinquenta colóquios, congressos e grupos de trabalho científico, em Portugal e no estrangeiro (Suíça, Alemanha, Itália, Bélgica, Espanha), na área da sua actividade científica e pedagógica.

A ele se deve, também, a tradução da *Crítica Textual e Técnica Editorial Aplicável a Textos Gregos e Latinos*, de Martin. L. West, a partir do original inglês, uma das mais importantes obras modernas da especialidade.

Pronunciou cerca de uma quinzena de conferências dentro e fora da Faculdade de Letras, e tem exercido mais de vinte variadas funções, quer escolares desde os tempos de estudante em Haia, quer universitárias, de carácter científico ou pedagógico. É actual representante dos doutores do seu Grupo no Conselho Pedagógico da Faculdade.

No campo da didáctica, além do ensino das línguas grega e latina e em particular do latim e da cultura medieval no espaço português, tem dedicado boa parte do seu trabalho à teoria didáctica e pedagógica das línguas clássicas, bem como ao ramo da formação educacional e do estágio pedagógico dos alunos terminais do curso de Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa da Faculdade de Letras. Os seus especiais conhecimentos no domínio da informática e da sua aplicação prática - com vários estudos publicados sobre a matéria - têm contribuído

CRÓNICA

para a renovação não apenas da metodologia de ensino, mas também para o melhor funcionamento da instituição a que pertence. É autor e administrador das páginas Web do Instituto de Estudos Clássicos e do seu Centro de Investigação.

Foi coordenador, juntamente com Aníbal Pinto de Castro, do CD-Rom “Damião de Góis - As Crónicas”, lançado durante o Congresso Internacional realizado em 2002 na Universidade de Coimbra, por ocasião do V centenário do nascimento do ilustre humanista. Trata-se do primeiro CD jamais concebido, organizado e editado por uma instituição da Faculdade de Letras.

A sua extrema dedicação e carácter, e a sua alta competência no âmbito em que se tem especializado fazem de António Manuel Ribeiro Rebelo um dos especialistas mais competentes na área da Literatura Latina Medieval, dentro da nova geração de medievalistas portugueses.

Ana Paula dos Santos Duarte Arnaut

Ana Paula dos Santos Duarte Arnaut nasceu na região de Penela e fez, com altas classificações, todo o seu percurso académico na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Aqui se licenciou em 1986 na variante de Estudos Portugueses e Ingleses do curso de Línguas e Literaturas Modernas; fez mestrado em Literatura Portuguesa com a dissertação sobre *O narrador e o herói na (re)criação histórico-ideológica do Memorial do Convento de José Saramago*, e prestou provas de doutoramento em 2002 dentro da mesma área, com a defesa da tese subordinada ao tema *O sócio-código post-modernista no romance português contemporâneo. Fios de Ariadne — Máscaras de Proteu*.

Pertence ao corpo docente da Faculdade de Letras desde 1995, onde tem leccionado matérias no âmbito dos Estudos Portugueses, entre as quais se contam as cadeiras de Literatura Portuguesa I (séculos XIX-XX) e de Introdução aos Estudos Literários.

Tem assumido outras variadas tarefas de carácter científico e pedagógico: colaboradora do Ciberkiosk desde 1997; membro de júris do Concurso Literário da Associação Académica de Coimbra (1997-1998 e 2002-2003), do Concurso Literário “Conte um Conto” organizado pelo jornal *As Beiras* (1998-99), do “Grande Prémio da Crónica” da Associação Portuguesa de Escritores (1999-2000), e do “Prémio Literário Miguel Torga - Cidade de Coimbra” (2001-2002); membro da comissão científica do colóquio para estudantes “Jornadas do Mar 2002 - Pedro

Nunes. Novos saberes na rota do futuro”, realizado pela Escola Naval do Alfeite (2002); formadora do Estágio do Ramo de Formação Educacional da Faculdade de Letras (1999-2000); membro da Assembleia de Representantes da mesma Faculdade (1998-99) e 2º vice-presidente do seu Conselho Directivo (2002); e, finalmente, colaboradora do Curso de Formação de Professores de Português na Universidade de Dili, Timor-Leste (Janeiro-Março de 2003).

Ana Paula Arnaut tem dedicado uma boa parte da sua docência à actividade pedagógica de extensão universitária, expressa em mais de vinte seminários, acções de formação, palestras e outro tipo de intervenções, no País e no estrangeiro, designadamente no King's College de Londres (em 1999, 2000, 2001 e 2002) e no Trinity College, em Dublin, em 2000.

Participou e apresentou comunicações em cerca de quinze congressos e colóquios científicos e pedagógicos, em Portugal, Espanha e Estados Unidos, em sete dos quais colaborou como membro das respectivas comissões organizadoras, desde 1990 a 2001.

A sua produção literária regista perto de uma trintena de trabalhos, publicados, na sua maioria, em actas de congressos, miscelâneas, revistas científicas e outros periódicos culturais portugueses, estrangeiros e internacionais, como *Biblos*, *Humanitas*, *Colóquio/Letras*, *Artes & Letras*, *Jornal de Letras Artes e Ideias*, *Veredas*, *Luso-Brazilian Review*, *Portuguese Studies*, e *Santa Barbara Portuguese Studies*, e também nos actuais meios da Internet. Entre a suas publicações, assumem especial importância os dois livros *Memorial do Convento - história, ficção e ideologia*, Coimbra, 1996, e *Post-Modernismo no romance português contemporâneo*, Coimbra, 2002, correspondentes às teses de mestrado e de doutoramento.

Ana Paula Arnaut mostra, em toda a sua obra científica, uma notável preparação na teoria da análise literária, e muito em particular uma excelente competência no estudo da ficção e do romance português, em que figuram autores como Eça de Queirós, Almeida Garrett, Fernando Pessoa (Bernardo Soares), Fernanda Botelho, Miguel Torga, José Cardoso Pires, Mário Cláudio, Miguel Miranda, João de Aguiar, Fielder Macedo.

Os seus interesses voltam-se, também, para outros autores, modelos e épocas, como a literatura portuguesa medieval e António Vieira; mas o seu maior investimento incide repetida e demoradamente na obra de José Saramago, sobre a qual se tornou uma autorizada especialista e uma professora que honra sobremaneira a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

CRÓNICA

Os doutorandos de cujo mérito acabámos de falar pertencem a sectores diferenciados da mesma Faculdade de Letras. A feliz circunstância de aqui se juntarem, num único e solidário acto público desta Academia, traduz, de algum modo, o carácter interdisciplinar que, louvavelmente, se tem vindo a estabelecer entre as actividades dos vários institutos e unidades de investigação da mesma Faculdade.

Casam-se aqui as línguas e Filologias antigas e modernas com as Literaturas, a Literatura com a Filosofia e a História, a História com a Geografia, numa frutuosa simbiose e permuta de saberes cada vez mais visível, que faz lembrar os tempos de Platão, quando o filósofo fixava, à porta da sua Academia, uma tabuleta com este aviso: “Não entre aqui ninguém sem saber geometria” (ArEQMETPHTOS MHAEI2 EIEITQ). Por sinal, é esse mesmo aviso platónico que, entre outros símbolos, a Faculdade de Ciências e Tecnologia da nossa Universidade ostenta, para nossa leitura e meditação, na ombreira direita da fachada principal do seu Departamento de Matemáticas, diante da estátua no Fundador desta mesma Universidade, à Praça D. Dinis.

Talvez isto nos possa fazer pensar na necessidade que temos de, cada vez mais, trabalhar em conjunto à procura de um saber mais sólido, mais seguro e mais coerente.

Magnífico Reitor,

Traçámos o perfil académico, sumário, destes sete doutorandos, que consideramos merecedores de tomar assento neste Claustro Doutoral. Mas para confirmar este nosso juízo, louvamo-nos na alta autoridade dos sapientíssimos Doutores seus apresentantes, mestres de prestígio inabalável e colunas fundamentais deste edifício que é a Universidade de Coimbra, à qual temos orgulho de pertencer.

Peço-vos, pois, para estes candidatos, mediante a imposição das insígnias doutorais segundo o rito consagrado pela antiga e nobre tradição desta Universidade, a solene concessão do grau de doutor.

ALOCUÇÃO DA DOUTORA CRISTINA MARIA ROBALO CORDEIRO

Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra
Senhora Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de
Letras
Excelentíssimas Autoridades
Senhores Doutores
Senhores Assistentes, Investigadores e Leitores
Senhores Estudantes
Senhores Funcionários
Senhoras e Senhores

Uma sociedade sem cerimonial é uma sociedade sem cultura.

A nossa Universidade, na sua sabedoria, entende ligar-se ao passado não apenas pela preservação das suas augustas paredes mas também pela perpetuação dos seus ritos.

O acto solene que nos reúne esta manhã repete, na sua dignidade, todos os que o precederam, acolhendo, pela mão dos mais antigos, os novos doutores no espaço simbólico de uma tradição secular.

Aos gestos e às palavras consagradas junta-se o uso do discurso de elogio dos mestres, sucedendo à apresentação dos discípulos.

É o nobre dever que me incumbe hoje e para a realização do qual solicito a vossa benevolente atenção.

O doutoramento teria menos riqueza humana se fosse apenas o resultado do trabalho solitário de um indivíduo abandonado às suas próprias forças. Uma tese não é um livro como os outros: obra de um autor, único responsável pelo seu texto, resulta no entanto de uma relação interpessoal. Entre o orientador e o orientando não circulam apenas ideias mas necessariamente também afectos. Aproximados, de início, por afinidades electivas, não escapam por vezes a alguma frustração ou decepção recíprocas, misturadas com um entusiasmo partilhado. Este complexo substracto psicológico permanece, quase sempre, como o não-dito da comunicação. Tal é o *hvis cios* satinano, que apenas termina com o dia redentor da defesa de tese.

Uma ocasião solene e festiva como a de hoje permite recordar, pela voz de uma terceira pessoa, não os episódios felizes ou difíceis de um longo diálogo mas, na dignidade do género encomiástico, alguns dos

CRÔNICA

méritos científicos e humanos de ambos os interlocutores. Compete-me desenhar em breves linhas o retrato dos mestres. Cada um deles se encontra hoje aqui presente não por decreto administrativo mas trazido, por assim dizer, pela mão do discípulo, pela livre escolha, de quem pode, só e serenamente, medir toda a extensão da sua dívida. Não há maior homenagem!

A este testemunho de admiração e de gratidão, quero associar a minha própria voz. Não traçarei sete *cursum honorum*, a tarefa seria demasiado longa tratando-se de uma plêiade de padrinhos tão prestigiados. Aplicar-me-ei em destacar o que me apareceu, em cada domínio próprio de pesquisa, como a realização perfeita da vocação específica de cada um dos nossos ilustres colegas. Convoco todas as musas para me ajudarem nesta tarefa pluridisciplinar tão conforme ao espírito da nossa faculdade.

Luciano Fernandes Lourenço é acompanhado, neste acto, pelo Doutor Fernando Manuel da Silva Rebelo, Professor Catedrático do Grupo de Geografia.

Mais do que qualquer outra ciência social, a geografia vê-se partilhada entre o humano e o desumano. Especialista de geomorfologia, Fernando Manuel Rebelo poderia ter-se contentado com o estudo da terra, na necessidade e no acaso da sua evolução. A companhia muda das colinas, das dunas, das cadeias de montanhas, o devir cego dos litorais e das bacias fluviais possuem algo de pacificador: para o geógrafo que estuda a “natureza das coisas”, é grande a tentação de adoptar o ponto de vista de Lucrécio, “suave, mari magno”, e de assistir de forma impassível ao encadeamento das causas e dos efeitos consecutivos ao *clinamen* inicial. A este *parti pris des choses*, como diria Francis Ponge, não se resignou Fernando Rebelo. Ao determinismo físico a que obedece o rio na sua fuga, ao conhecimento das leis que fazem e desfazem, de forma mecânica, a superfície do nosso planeta, acrescenta a vontade humana, a liberdade de decisão ponderada, o poder da acção esclarecida. Desde a sua primeira publicação *Vertentes do Rio Dueça* - há 37 anos - até *Percursos de um Reitor*, em 2002, há uma progressiva passagem ao humano, ou mais exactamente um salutar vaivém entre a longa duração dos fenómenos telúricos e o frenesim do mundo moderno de que a Universidade é a imagem fiel.

A sua entrada na faculdade, em 1961, permitiu-lhe absorver o melhor da Escola de Geografia de Coimbra, no contacto com eminentes professores de renome internacional. Estudante precoce vindo do Porto, Fernando Rebelo transpõe com facilidade todas as etapas da carreira

CRONICA

universitaria. Apesar de três anos de serviço militar, será doutor aos 31 anos e professor extraordinário aos 34, tendo ensinado todas as disciplinas geográficas: geografia física, humana, aplicada, rural, regional, tropical, urbana, ambiental, cartografia, climatologia, vulcanologia e algumas esquecerei ainda, por certo. O conceito de geógrafo sedentário não se coaduna com o seu perfil: homem de terreno, multiplicou as viagens de estudo, as excursões em todas as latitudes e, na convicção de que a geografia mantém com a aventura uma relação originária, o Doutor Fernando Rebelo sempre quis confrontar-se com o risco, seja ele a catástrofe natural, o incêndio gigantesco, ou ainda uma inundação súbita, aluimento, enxurrada, deslizamento de terreno, tempestade ou poluição. Esta curiosidade científica pelos grandes sintomas do Apocalipse tem algo de surpreendente, vinda de uma personalidade apreciada pela sua brandura e hostilidade a qualquer violência...

Mas é também verdade que as ciências da terra oferecem, aos olhos de um estudioso da poética dos elementos como Gaston Bachelard, uma matéria propícia à imaginação da vontade, o que me leva a evocar agora a obra do Reitor que foi Fernando Rebelo.

À sua determinação muito deve o que é hoje o Pólo II e o que virá a ser amanhã o Pólo das Ciências da Saúde. Ao seu empenho se deve ainda a criação de um Gabinete de Apoio à Investigação Científica, a revitalização da Imprensa da Universidade, o restauro de um boa parte do nosso património histórico, o apoio dado à constituição do Instituto de Investigação Interdisciplinar, ao Centro de Estudos Interdisciplinares do século XX, ao Centro de Estudos Ibéricos, e tantas e tão importantes reformas realizadas nos Serviços Centrais - a criação de um gabinete de Recursos Humanos, de um gabinete de Saldas Profissionais, a instalação de um novo sistema informático. E qual de nós não aplaudiu o fecho ao trânsito da Rua Larga e a corajosa interdição de viaturas no Pátio das Escolas? Na evocação dos anos do seu reitorado, muito mais haveria ainda a acrescentar: limito-me ao reconhecimento da rara qualidade humana da sua pessoa: disponível, mesmo nos momentos mais difíceis, atento a uns e a outros, capaz de confiar e de dar confiança, leal, Fernando Rebelo, se um Reitor fosse um príncipe, o que, Graças a Deus, não é, seria por excelência o Anti-Maquível.

Delfim Ferreira Leão traz consigo a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, Professora Catedrática do Grupo de Estudos Clássicos.

Meditar sobre a contribuição da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira para a fama internacional dos Estudos Clássicos da nossa

Universidade, é ser imediatamente chamado a reflectir sobre as condições de possibilidade da excelência. Será necessário ter nascido no Porto, de um pai médico, insigne professor e director da sua Faculdade, ter terminado o liceu D. Carolina Michaëlis com a nota espantosa de 20 valores, ter recebido, em Oxford, as lições dos maiores helenistas da Europa, ter redigido, antes dos 30 anos, uma dissertação de doutoramento que poderia constituir, para muitos outros, o *opus magnum* de uma existência inteira, será necessário dominar ao mesmo tempo a língua, a história, a civilização dos Gregos e dos Romanos mas também, com vários outros idiomas vivos, o latim medieval, a literatura portuguesa da sua aurora aos nossos dias, em suma, será necessário ser-se em si só vários departamentos para garantir à docência aquela qualidade máxima que gostaríamos de ver hoje regra comum? Como se fabrica a excepção? Qual a génese da excelência? Sem dúvida o que um darwinista chamaria a feliz combinação de “nature” e de “nurture”. É certo, em todo o caso que, face ao actual desconcerto do ensino geral, a ideia de excelência releva do mito da idade do ouro e do segredo perdido. E a obra da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira ultrapassa demasiado as normas para ser tomada como paradigmática, ou seja, para ser dada como exemplo à juventude. Os pedagogos sossegarão, pois, qualificando a nossa ilustre colega, com a sua permissão, de “fenómeno”!

Mas preocupar-se-á ainda a juventude em distinguir-se nos estudos clássicos? Poderão ainda as vias árduas da erudição atrair os nossos filhos? André Gide põe em cena em *L'immoraliste* a crise de consciência de um jovem humanista que, sob a influência mal compreendida de Nietzsche, se revolta contra a cultura, contra essa mesma cultura grega que ensina no Collège de France e que o separa da vida. Passando por Siracusa, na exaltação dos sentidos, escreve: “Mon érudition m'encombraît, empêchant ma joie”. Ora, a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, alegaria um dos seus ardentes discípulos, é capaz de descer expressamente de Roma a Régio de Calábria para se extasiar perante os “Heróis de Riace” acabados de tirar do mar. Longe de agrilhoar o ser, a erudição, exalta-o! Longe de limitar a vida, nela desperta algo de libertador e de inebriante: provar a inautenticidade de um fragmento de Anacreonte e desmistificar assim uma imponente tradição, não será experimentar todas as emoções, todas as paixões de um drama intelectual? Não será encontrar Champollion ou Schliemann no entusiasmo da descoberta?

Ser sensível à beleza, à grandeza, à sensualidade do modelo grego, é a felicidade que desejamos para os nossos estudantes e jovens

CRÔNICA

professores. Para tal, lerão os escritos da doutora Maria Helena da Rocha Pereira, em primeiro lugar e lentamente, a *Hélade. Antologia da Cultura Grega*, depois as suas traduções de Platão, Eurípidés, Sófocles. Compreenderão que a literatura mais modernista está impregnada de reminiscências atenienses, que a mitologia greco-latina, além do teatro cru das nossas pulsões, é também a sublimação do nosso destino.

Recordemos Camus que colocou em epígrafe ao seu *Mythe de Sisyphe* um fragmento das *Píticas* - e não figura Píndaro entre os autores de predileção da nossa eminente colega? -, fragmento traduzido em francês pelas palavras desde então célebres: “N’aspire pas, ô mon âme, à la vie immortelle mais épuise le champ du possible!” Este convite a dar a sua medida toda, este apelo à expressão inteira do possível humano não pode deixar indiferente um jovem de hoje ou de amanhã, se ele quiser escutá-los. A Doutora Maria Helena da Rocha Pereira parece ter feito desta injunção a base da sua existência intelectual.

José Carlos Seabra Pereira tem a seu lado o Doutor Aníbal Pinto de Castro, Professor Catedrático do Grupo de Estudos Românicos.

Quando, em 1955, Aníbal de Castro se inscreve na Faculdade de Letras, a investigação literária permanecia conforme a um modelo, de produtividade já demonstrada, estabelecido por Gustave Lanson meio século antes. Desta metodologia irrepreensível interioriza os princípios e a disciplina. A sua dissertação de licenciatura, *Balzac em Portugal*, publicada por um jovem de 22 anos, possui, em grau superior, todas as virtudes recomendadas pelos mestres de então. E todavia, era uma obra pioneira, que aplicava intuitivamente as regras que a teoria da recepção estava longe de ter ainda formulado, como se o nosso estudante possuísse já o sentimento da excessiva estreiteza da noção de influência. Não lamentaremos que o Doutor Aníbal de Castro tenha recusado a ocasião de ser Hans Robert Jauss! Por seu lado, os estudos balzaquianos queixar-se-ão legítimamente de terem sido abandonados por um estudioso talhado para um tão vasto domínio, mas que a curiosidade encaminhava então para um campo ainda mais ilimitado: a literatura portuguesa, do humanismo ao classicismo. Três séculos examinados na perspectiva da “Retórica e da teorização em Portugal”, trabalho enorme que constituirá a matéria da sua dissertação de doutoramento, publicada há 30 anos: e, mais uma vez, estamos perante uma obra que abre caminho e que, no seu tempo, antecipa um outro tempo: a originalidade da sua abordagem não residia apenas no olhar que dirige sobre a Retórica e a teoria literárias - não nos esqueçamos de que o ano de 1973 representa em Paris, não em

CRÔNICA

Coimbra, o apogeu do formalismo -, nem ficava só a dever-se à ousadia de falar então em *figuras* e em *código*, mas decorria também e sobretudo da luz nova que projectava na situação histórica onde o conceito de código - de combinatória - adquiria a sua verdadeira inteligibilidade. Não lamentaremos agora que o Doutor Aníbal de Castro tenha recusado a ocasião de ser o nosso Todorov! Enquanto a França esgotava a sua energia numa querela vã que opunha, de forma estéril, a estrutura e a história, e obrigava a escolher entre Picard e Barthes, Aníbal de Castro, com a sua força tranquila, sem pedir licença a ninguém, reconciliava uma e outra, numa síntese que poderemos dizer nacional.

Esta capacidade de síntese é um dos traços distintivos da sua personalidade científica: na sua imensa bibliografia, Camões e Camilo são duas árvores gigantescas que não fazem senão esconder a floresta dos incontáveis estudos saídos em revistas e publicações colectivas. Só uma edição que reagrupe, por épocas ou problemas, o conjunto dos seus trabalhos críticos e históricos, poderia dar a justa ideia da importância e da qualidade do seu contributo para o conhecimento da literatura portuguesa. É todo um corpo de doutrina, firme e flexível, um verdadeiro sistema que surgiria da recomposição desses *membra disjecta* multiplicados em centenas de colóquios e de conferências. Mas quererá o Doutor Aníbal de Castro trazer à edição das suas próprias obras a mesma dedicação e o mesmo respeito com que recolheu e apresentou as de tantos vultos da nossa literatura? Ousaremos nós sugerir-lhe que há nesse reagrupar, nesse reunir de si próprio como que um dever de ciência e de justiça ao qual não pode subtrair-se?

Académico, comendador, membro das mais distintas sociedades científicas, portuguesas e estrangeiras, o Doutor Aníbal de Castro não faz do seu vasto saber e sólida erudição um obstáculo entre si próprio e o outro. Bem pelo contrário, sabe prodigalizá-los em judiciosos pareceres, conselhos amigáveis, e mesmo em admoestações proféticas: quem não teve o privilégio de as ouvir não viveu! Mas, como o sugeria já o jovem autor de *Balzac em Portugal* - e cito: “Podemos até afirmar que mesmo os juízos desfavoráveis contribuem para o engrandecimento de certos vultos”-, o seu humanismo dialéctico leva-o a recusar a permanência no negativo e a preferir à conciliação a reconciliação. Reconciliante, é-o o Doutor Aníbal de Castro melhor do que ninguém, no domínio intelectual como humano, e tanto pela sua generosidade natural quanto pelas suas postulações éticas. Talvez uma época mais heroica ou mais épica conviesse melhor à sua exigência. E todavia, esta nossa época, totalmente a abraçou, como inteiramente também desposou os destinos da

CRONICA

nossa Faculdade, para o melhor e para o pior. A sua biografia confunde-se com a história da nossa casa desde há quase 50 anos: nenhum dos dramas, nenhuma das alegrias, nenhuma das iniquidades, nenhuma das grandezas da nossa escola lhe é estranha ou indiferente. Que o mesmo é dizer que o Doutor Aníbal de Castro é uma parte de cada um de nós, tanto no plano tão ambivalente das paixões humanas como num outro, mais racional, dos valores propriamente universitários, desses valores do espírito de que foi às vezes mártir e sempre testemunha!

Saúl António Gomes Coelho Silva é acompanhado pela Doutora Maria Helena da Cruz Coelho, Professora Catedrática do Grupo de História.

Se a Idade Média precisasse de ser defendida perante a História, encontraria na Doutora Maria Helena da Cruz Coelho a sua mais vigorosa, mais competente e mais entusiasta advogada. Presidente da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, Membro da Academia Portuguesa da História e da Academia das Ciências de Lisboa, da Comissão Internationale de Diplomatie e da Commission for the History of Parliamentary Institutions, várias vezes viu a sua obra coroada, e nomeadamente pelo Prémio Ciência da Fundação Calouste Gulbenkian. Interveio em mais de 12G júris de provas académicas, pronunciou cerca de 250 conferências e comunicações, publicou mais de 130 trabalhos. Estes números impressionantes dão a medida quantitativa da energia dispensada pela nossa colega ao serviço da historiografia de uma época que os nossos contemporâneos compreendem cada vez menos num momento em que os historiadores a conhecem cada vez melhor.

Enquanto a época das Grandes Descobertas é uma recordação nacional tão nítida como um acontecimento fundador, a Idade Média surge-nos muitas vezes como a “noite dos tempos”, longo período obscuro, se não obscurantista, ao qual viramos as costas apesar de nele nos continuarmos a apoiar.

É precisamente para exorcisar pelo conhecimento este “complexo medieval”, onde mergulham as raízes do nosso inconsciente colectivo, que, de forma decidida e com fina e ímpar argúcia, se construiu a obra de Maria Helena Coelho. Nela nos é dado sair da má consciência, vestígio infantil e arcaico, para aceder, pela ciência, ao domínio do passado. Numa palavra, trata-se de reconquistar a nossa Idade Média. É significativo que o ponto de partida do seu inquérito tenha sido o Mosteiro de Arouca (do século X ao XIII), tema da sua dissertação de licenciatura. O mosteiro é um microcosmo, um objecto hermenêutico

onde um olhar perspicaz como o seu pode, particularmente - mas não só! - através do exame da documentação escrita, reconstituir toda uma sociedade, com as suas estratificações, as suas hierarquias, os seus usos e os seus valores. O mosteiro medieval assemelha-se assim a uma caravela concentrando, em modo metafórico e metonímico, todo um universo de signos e de sentidos. A bibliografia da nossa colega desdobra - e faz reviver - a estrutura inteira da mentalidade religiosa da Idade Média a partir destes dispositivos complexos que são os centros da vida monástica.

Mas nada lhe escapa igualmente da vida camponesa! A sua tese sobre o Baixo Mondego nos finais da Idade Média é um trabalho, como o sugere o título, tanto de historiografia quanto de geografia humana e social. Estamos bem longe da história tal como ela era ensinada outrora na escola: disciplina abstracta e desencorajadora, com os seus nomes e datas, batalhas e tratados. É, pelo contrário, a vida quotidiana, a vida integral, financeira, municipal, alimentar que surge nos inumeráveis e tão esclarecedores estudos saídos das pesquisas da nossa infatigável investigadora. Se, em literatura, uma palavra não é uma coisa mas um puro significante, o mesmo não acontece na escrita da história onde a linguagem reveste todo o peso do real: aqui, um patronímico, um número, um termo de mester significa dias, semanas de metucioso labor na Torre do Tombo. Na impossibilidade de medir toda a riqueza do conjunto ou do pormenor dos resultados obtidos, apontarei três noções que ressaltam com eloquente relevo deste universo coerentemente reconstruído, três noções que interpelam directamente a nossa modernidade, e que, no vigor de um pensamento original, são outras tantas armas na defesa da civilização medieval: a *liberdade*, a *cidadania* e a *solidariedade*. De facto, longe de ser um tempo de opressão ideológica e moral, a Idade Média conheceu a *liberdade*, sem a qual não teria havido a arte, a poesia e mesmo o amor que prodigalizou sob novas formas reveladas, por exemplo, na mais pequena página de iluminura. Fez da *cidadania* não uma utopia oca nem uma palavra vazia, mas uma prática vivida e harmoniosa. E investiu a virtude da *solidariedade* numa rede de associações de cujo fraternal convívio ninguém se via excluído. Um tal mundo humano e cristão, até nas suas insuficiências e nos seus erros, demanda ainda e sempre uma reabilitação. É a esta tarefa generosa e libertadora que a Doutora Maria Helena Coelho deu (e dá) o melhor da sua inteligência e do seu *coraçõn*

António Manuel Ribeiro Rebelo é acompanhado pelo Doutor José Geraldês Freire, Professor Catedrático do Grupo de Estudos Clássicos.

A carreira do Doutor Geraldês Freire prende-se a uma longa e venerável tradição, a do padre universitário. Como ser ao mesmo tempo homem da Igreja e homem de ciência? Esta pergunta tem como resposta centenas de figuras eclesiais e professorais que ilustram, desde a sua longínqua origem, os anais da nossa Universidade. Resposta infinitamente rica e variada dada a um problema relativamente novo, a uma contradição recentemente surgida na história da cultura. O nosso colega soube mostrar-se fiel à sua vocação religiosa que o conduziu à ordenação em 1951 e à sua vocação de investigador que se afirmava em 1962 com a dissertação de licenciatura consagrada à *Obra poética de Diogo Mendes de Vasconcelos - humanista latino do séc. XVI*. Será audacioso procurar explicar este duplo destino por uma dupla disposição : aquela que faz, pela fé, entrar no Mistério essencial, e a que, pela inteligência, luta com os enigmas da filologia?

A noção de enigma é aliás familiar a qualquer estudante que um dia se viu confrontado com a necessidade escolar de extrair um sentido verosímil de passos de Virgílio ou de Tácito. Mas esse sentimento de obscuridade, esse apelo lançado à sagacidade do decifrador não são estranhos aos mais experientes mestres. Qual a parte de jogo que entra no esclarecimento de uma forma elíptica, dístico, apotegma ou epitáfio? Estes textos breves, brevíssimos, são presa de eleição para um caçador de inscrições herméticas: a bibliografia do Doutor Geraldês Freire multiplica os estudos hábeis consagrados aos microtextos da latinidade regional. Há nesta aplicação extrema da atenção à letra uma lição a reter: lição de modéstia e de grande paciência, e sobretudo hoje em que a própria noção de texto, sob o efeito da informática, se torna quase impalpável. Feliz o sábio que sabe ressuscitar um pouco do nosso comum passado de algumas velhas palavras gravadas na pedra de um túmulo real ou de uma *lapis fundamentalis*!

Se a erudição se tornou suspeita, até na nossa Universidade, que dizer da etimologia? O Doutor Geraldês Freire revelou uma incansável curiosidade pela toponímia, e em particular a da sua terra natal, o concelho de Penamacor. O interesse pelos vestígios arqueológicos, pelas fontes, citações, neologismos disputa nele o gosto pelas sentenças e máximas de sabedoria bíblica. A sua tese de doutoramento constitui, segundo os especialistas, um monumento da patrística contemporânea, revelando também a solidez de um saber no domínio do latim cristão. Sem dúvida que a autoridade suprema na matéria que foi Mlle Morhmann encontrou na pessoa do nosso colega um continuador à altura das suas esperanças.

Mas a defesa do latim e dos estudos clássicos, a tradução inédita e o comentário de textos raros e difíceis não absorveram por inteiro as suas forças, estando a questão de Fátima muito presente também no coração da sua bibliografia. Aqui reside a parte não já do enigma filológico mas do mistério teológico. Todavia, basta examinarmos a *Documentação Crítica de Fátima* para nos apercebermos de que é ainda como filólogo que o Doutor Geraldês Freire avança, cientificamente equipado, neste domínio tão particular. Aliás, a vigilância da crítica textual, aplicou-a à própria Bíblia, e não apenas à Vulgata: recordemos as páginas muito sugestivas consagradas a um versículo anfibalógico do *Eclesiastes*. No mesmo ano, publicava uma feliz tradução de um poema dos Carmina Burana, «In taberna quando sumus»: entre o *Eclesiastes* e os Carmina Burana, grande é, com efeito, a proximidade: “O olho não se sacia de ver, nem o ouvido se farta de ouvir”. Assim é também para o olho e para o ouvido do filólogo!

Genealogista da língua portuguesa, biógrafo de santos portugueses, o Doutor Geraldês Freire reúne os interesses do local e do universal, não o tendo a admiração pela Flolanda do humanismo cristão desligado das origens peninsulares: como os homens do Renascimento, na sua *peregrinação académica*, trouxe a Coimbra um saber reforçado e honrou, pela qualidade dos seus trabalhos, o nome de Coimbra em toda a Europa erudita.

Ana Paula dos Santos Duarte Arnaut tem a seu lado o Doutor Carlos Alves dos Reis, Professor Catedrático do Grupo de Estudos Românicos.

Se quiséssemos associar o pensamento geral do Doutor Carlos Reis a uma tradição metafísica, seria pertinente falarmos de pragmatismo. Não é ele o mais americano de nós todos? Não que o nome de William James seja por ele muito evocado, mas porque a sua concepção da vida intelectual e universitária parece inspirar-se nos princípios do filósofo de Harvard. Sem dúvida que todo o açoreano de boa estirpe experimenta uma espécie de vocação americana: é aliás nas numerosas estadias que fez como professor convidado na Universidade de Wisconsin-Madison que verificou - e a verificação é a palavra-chave do pragmatismo - a eficácia e as severas regras que transformaram os Estados Unidos numa verdadeira máquina de fabricar Prémios Nobel. Uma tal ética da acção faz do nosso colega, que também sabe ser, em momento de lazer, o mais jovial dos companheiros, a “really tough man” nas relações de trabalho. A sua experiência como Pró-Reitor da Universidade Aberta, como

Presidente da Associação Internacional de Lusitanistas, como Director da Biblioteca Nacional não fez senão fortificar a sua concepção do dever de estado.

Os prémios, as distinções (foi um dos mais jovens doutores *honoris causa* do Brasil, um dos mais jovens Comendadores da Ordem de Isabel a Católica) sancionam, no entanto e antes de mais, a obra propriamente científica do teorizador da literatura. Carlos Reis, em alguns anos de intenso labor, assimilou as doutrinas das diferentes escolas que revolucionaram a crítica desde a emergência do formalismo russo até ao aparecimento da genética. Muniu-se assim de um sólido aparelho conceptual, de que se serve com uma finura intuitiva sempre respeitadora da irredutibilidade do texto. O seu livro de 1995, *O Conhecimento da Literatura*, deveria ser (e tornou-se) um *vademecum* de quem não vê na literatura um domínio indefinido e subjectivo mas sim um objecto de saber preciso e comunicável. Já as *Técnicas de análise textual*, publicadas em 1976, como mais tarde o *Dicionário de narratologia* (redigido em colaboração com Ana Cristina Macário Lopes) haviam mostrado a sua preocupação em dar a conhecer instrumentos novos ou renovados a um público ao mesmo tempo vasto e exigente. De acesso mais difícil ou mais austero é o *Discurso ideológico do neo-realismo português*, traduzido para espanhol e para inglês: a sua dissertação de doutoramento corresponde, na evolução do Doutor Carlos Reis, a um momento de ascese reflexiva que preparava a deslumbrante frutificação da maturidade.

E com efeito, o período seguinte abrir-se-ia com - ou sob o benéfico efeito - de Eça de Queirós. E verdade que a *Introdução à Leitura d'Os Maias*, em 1978, nos mostra já um Carlos Reis em plena posse dos seus meios e do seu escritor, mas não era senão ainda o início de uma fecunda relação crítica: a fase jansenista ia ser definitivamente ultrapassada para dar lugar a uma verdadeira euforia editorial! E aqui é necessário evocar a notável dimensão mediática do nosso colega. Os programas televisivos da Universidade Aberta já o haviam dado a conhecer ao público, mas a reedição constante das suas 3 dezenas de livros (Carlos Reis é o que os americanos, ainda eles!, designam por *best-selling essayist*), as suas entrevistas na rádio, nos jornais, a sua participação em debates na televisão, no momento da consagração mundial de Saramago ou no decurso do ano do centenário de Eça conferiram-lhe o estatuto de figura pública, com todas as vantagens - e os riscos! - de uma tal situação privilegiada. Desse sucesso são a literatura portuguesa e a nossa Universidade as primeiras a beneficiarem: num mundo em que a imagem tem o poder que sabemos, é bom que Eça de

CRONICA

Queirós e Coimbra sejam associados ao dinamismo de um mediador tão dotado quanto o nosso ilustre colega.

Há, no entanto, um lado menos espectacular mas não menos estimável na sua transbordante actividade: pronunciei há pouco a palavra jansenista, falarei agora de beneditino para qualificar o paciente labor de edição crítica das obras do nosso grande escritor do realismo, no que ele tem de trabalho de conservação e de restauro sem o qual o texto, como qualquer obra de arte, sofre um rápido processo de degradação. *O Crime do Padre Amaro* acaba de tomar um salutar *bain de jouvance* que o devolve à sua frescura inicial com a ajuda de um aparelho crítico de rigorosa fundamentação. Eça de Queirós é assim restituído a Eça de Queirós. E o seu brilhante comentador apaga-se no seu ministério. É também esta uma grande lição de literatura e um belo exemplo de humildade científica!

Acompanha Maria Marta Dias Teixeira Anacleto a Doutora Regina Teixeira Anacleto, Professora Associada do Grupo de História.

O percurso académico da Doutora Regina Anacleto, não sendo comum, é tanto mais exemplar, quanto marcado pela unidade, regularidade e rapidez. Depois de uma longa experiência no ensino secundário, é uma mãe de família que, em 1981, se toma assistente estagiária da nossa Faculdade. E é como mãe que hoje aqui apadrinha Marta Teixeira Anacleto, professora de literatura francesa em quem depositamos hoje as esperanças dos estudos franceses da nossa Faculdade, numa demonstração de um êxito pedagógico com que muitos, e com razão, se teriam contentado. Mas uma mãe perfeitamente realizada não é menos um espírito ávido de conhecer e de dar a conhecer campos outrora ainda reservados a outros. De entre as três mulheres cujo elogio hoje aqui teço, temos - convém lembrá-lo agora! - a primeira doutorada na história da nossa Universidade e a primeira catedrática em História da nossa Faculdade. E se não é necessário ser-se a primeira para se ser excepcional, podemos no entanto afirmar que Regina Anacleto é certamente a primeira que, depois de ter educado uma família, se empenhou nos estudos superiores que lhe permitiram, aos 44 anos, iniciar enfim uma carreira universitária. Em 1992, é doutora. Em 1998, acede ao grau de agregada. No mesmo ano, a Academia Nacional de Belas Artes elege-a académica correspondente. Dois anos mais tarde, é a Real Academia de Belas Artes de Madrid que lhe confere idêntica honra. Não farei desta minha cadeira uma tribuna: a condição feminina precisa menos de palavras que de feitos! E os feitos aqui estão: cada uma das nossas três

colegas, e cada uma à sua maneira, soube ousar e inventar um novo modo de ser mulher. O caminho da Doutora Regina Anacleto conduziu-a para a história da arte e mais precisamente da arquitectura.

É justo mencionar duas presenças tutelares masculinas ao longo deste itinerário científico feminino: Regina Anacleto reconhece com gosto o que deve aos professores António Nogueira Gonçalves e Pedro Dias. Acrescentaremos a estes o nome de Pedro Navscués Palacio da Universidade Politécnica de Madrid, eminente professor e investigador que este claustro recentemente acolheu. Sob a sua sábia autoridade, é a arquitectura portuguesa que se torna campo de investigação principal da nossa historiadora. Os títulos das suas publicações são, como deve ser, demasiado numerosos para serem aqui citados: Arganil, sua terra natal, está muitas vezes presente nesta bibliografia que atesta igualmente o grande interesse manifestado pelo património arquitectónico de Coimbra. Se os azulejos e a talha dourada figuram entre os seus objectos de estudo, aprez-me assinalar a particular ternura com que estudou os pelourinhos do nosso país: que uma coluna erigida para castigar e humilhar tenha como função segunda seduzir, é, de facto, um paradoxo digno de uma análise aprofundada!

Mas de toda a produção científica da Doutora Regina Anacleto, privilegiarei, como conceito centralizador, aquele que governava já a sua dissertação de doutoramento essencialmente consagrada à *Arquitectura neomedieval portuguesa*.

Diz-se que a história não se repete. Acontece, todavia, que ela gostaria muitas vezes de se repetir, e em particular nas artes. Como explicar de outro modo o número de movimentos estéticos, literários, e mesmo filosóficos, visando a um regresso, a uma restauração do passado? Neomedievalismo, neogótico, neomudejarismo, neomanuelino, são algumas, entre outras, destas correntes curiosamente retroversivas estudadas pela nossa colega. Há algo de perturbador e de apaixonante neste regresso das formas que, como ela aliás bem o demonstra, são menos repetições servis do que reinvenções. Será esta nostalgia criativa o génio da nossa nação? É em todo o caso o tema de predilecção da Doutora Regina Anacleto de quem esperamos com grande impaciência a próxima obra, consagrada ao fabuloso e muito paradigmático *Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro*.

Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra,
As paixões tristes deprimem a vontade e mutilam a
inteligência.

A admiração, pelo contrário, eleva a alma, reconforta o
coração, galvaniza o espírito.

A Universidade, sendo feita de pessoas, não pode escapar à lei
comum da natureza humana.

Mas as razões de admirar são nela tão visíveis que lhe basta
parar um instante para logo reencontrar, com alegria, a força necessária ao
cumprimento da sua missão.

Faço votos para que os instantes de cerimónia e de festa -
como este em que formalmente vos peço as insígnias doutorais para os
nossos jovens colegas - sejam também momentos canónicos para o
trabalho de todos os dias!

DOUTORA ANDRÉE CRABBÉE

(1917-2003)

Em 17 de Março de 2003, a Doutora Andréa Rocha, perante a
comissão de muitos, deixou definitivamente a calma Praceta Fernando
Pessoa, em Coimbra, onde durante tantos anos viveu, para ir juntar-se a
Miguel Torga, seu Marido, no cemiteriozinho trasmontano de S. Martinho
de Anta, terra natal do Escritor. Que ambos repousem em paz, na lavada
simplicidade dessa paisagem que tanto amaram.

Jubilada em Dezembro de 1986, como Professora Catedrática,
depois de ter ensinado Literatura Francesa e Literatura e Cultura
Portuguesas, durante largos anos, nas Faculdades de Letras de Lisboa e de
Coimbra, a Doutora Andréa Rocha, belga de origem, tornou-se
portuguesa pelo coração e pelo espírito, numa metamorfose gradual
iniciada em Bruxelas, quando preparava, muito jovem, na Universidade
Livre da cidade, a sua licenciatura em Estudos Românicos: fora
conquistada pelo magistério sedutor de Vitorino Nemésio, que aí
ocupava então o leitorado de Português. Ao Mestre-Poeta ficou a dever
estímulos que a orientaram para o estudo da nossa Literatura; mas foi
decisivo para a sua fixação em Portugal e a adopção da nacionalidade
portuguesa o conhecimento do jovem médico Adolfo Rocha, com quem
se consorciou para toda a vida, afectiva e intelectualmente, no início dos
difíceis anos 40.